

# O NEWSPEAK BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DE DUAS TRADUÇÕES

Bianca de Castro ANAIA

Orientadora: Profa. Dra. Érica Luciene Alves de Lima

**Resumo:** Este artigo propõe uma análise comparativa entre trechos das traduções do apêndice do livro “1984”, intitulado “The Principles of Newspeak”, e o original em língua inglesa, a fim de indicar possíveis interpretações e estratégias envolvidas no processo tradutório. Sobretudo, estudou-se os processos de domesticação e estrangeirização, tais como descritos por Schleiermacher (2007 [1838]) e retomados por Venuti (1995). Também foram consideradas as perspectivas de tradução de Arrojo (1993), que entende a tradução como uma leitura em que o sujeito constrói o significado do texto a partir de suas concepções individuais e coletivas, e de Siscar (2001), o qual aborda a questão da origem no processo tradutório. Conclui-se que todas as decisões tradutórias derivam de uma leitura e da maneira que os profissionais julgaram ser a mais adequada para transmitir ao público-alvo a sua compreensão do *Newspeak* no português brasileiro.

**Palavras-chave:** Tradução; *Newspeak*; Domesticação; Estrangeirização; Interpretação.

## Introdução

No romance “1984”, de George Orwell (1949), o partido totalitário *Ingsoc* (acrônimo para Socialismo Inglês) governa a Oceania, uma sociedade distópica em que o governo monitora constantemente a população e manipula a divulgação de informação para favorecer a imagem do partido e incriminar quaisquer ideias contrárias à sua ideologia. O livro é considerado um clássico da literatura inglesa, tendo sido traduzido para várias línguas e influenciado diversas produções da cultura popular, como o reality show *Big Brother*<sup>1</sup>.

Esta e demais obras de Orwell entraram em domínio público no ano de 2021 e, segundo o estudo de caso de Maria Alice Gonçalves Antunes (2021), no mínimo dez retraduições de “1984” foram publicadas no Brasil entre janeiro e março de 2021. A autora indica possíveis motivos para esse fenômeno e aponta que, além dos direitos autorais, outro fator relevante que corroborou para o número significativo de retraduições é “a exploração comercial e econômica da associação de 1984 ao momento político vivido pela sociedade brasileira e, por que não dizer, mundial” (ANTUNES, 2021, p. 43), visto que o romance aborda temas explicitamente políticos, com um grande potencial de dialogar com a realidade.

Em relação ao processo tradutório de “1984”, uma particularidade da narrativa faz com que sua tradução interlingual seja ainda mais complexa: o *Newspeak*, um idioma reduzido e alterado do inglês padrão do século XX, criado por Orwell a partir de uma concepção de linguagem como expressão do pensamento, com o objetivo de simplificar a língua ao máximo para limitar a oposição ao partido, assim servindo aos ideais do *Ingsoc*. Dessa forma, o idioma fictício foi concebido a partir dos aspectos linguísticos do inglês, considerando as características sintáticas, morfológicas, fonológicas e semânticas específicas dessa língua, as quais são descritas em maior detalhe no apêndice do livro “1984”, intitulado “The Principles of Newspeak”, também escrito por Orwell.

Nesse contexto, a proposta deste artigo é examinar duas traduções brasileiras de “The Principles of Newspeak”, feitas por Alexandre Hubner e Heloisa Jahn (2009) e Alexandre Barbosa de Souza (2021), com enfoque em comparar as diferenças entre trechos dessas edições. A escolha das traduções justifica-se pela versão de Alexandre Hubner e Heloisa Jahn ser a mais conhecida no Brasil, e a tradução de Alexandre Barbosa de Souza, além de ser uma tradução

---

<sup>1</sup> LOURENÇO, Beatriz. (2020). “Big Brother: como o conceito de George Orwell aparece na cultura pop”. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2020/01/big-brother-como-o-conceito-de-george-orwell-appece-na-cultura-pop.html>>. Acesso em 6 de janeiro de 2022.

recente, destaca-se por ser divulgada como uma edição de colecionador traduzida diretamente da primeira versão do romance.

O trabalho apresenta uma análise comparativa entre as traduções e o original em língua inglesa, a fim de evidenciar as leituras e interpretações de cada tradutor e as estratégias envolvidas no processo tradutório. Sobretudo, foram estudados os processos de domesticação e estrangeirização, tais como descritos por Schleiermacher (2007 [1838]) e retomados por Venuti (1995). Também foram consideradas as perspectivas de tradução de Arrojo (1993), que evidenciam a tradução como uma leitura em que o sujeito constrói o significado do texto a partir de suas concepções individuais e coletivas, e Siscar (2001), o qual aborda a questão da origem no processo tradutório.

## Contextualização

Em “A Dificuldade de Origem”, Siscar afirma que a tradução ocorre, por definição, quando há transferência de sentidos entre línguas, e aponta que o “acontecimento original” que liga o sentido ao corpo de cada língua se perde nesse processo (SISCAR, 2001, p. 86). Considerando a tradução como uma leitura que produz sentido e que contribui para a criação do original na língua de chegada, surge a dificuldade de determinar a origem do sentido de um texto. Segundo Siscar:

Aquilo que chamamos original se estabelece e se modula segundo as diversas interpretações de um texto que, dessa maneira, perde qualquer essência ou significado intrínsecos. O sentido do original é o sentido que lhe atribui um leitor ou uma determinada situação interpretativa, um determinado contexto de leitura. (SISCAR, 2001, p. 87)

Em consonância, Arrojo, no livro “Tradução, desconstrução e psicanálise”, demonstra que a tradução é uma forma de interpretação em que, bem como em qualquer leitura, o sujeito irá construir o significado do texto a partir de suas concepções, que são delimitadas “com base na ideologia, nos padrões estéticos, éticos e morais, nas circunstâncias históricas e na psicologia que constituem a comunidade sociocultural - a ‘comunidade interpretativa’, no sentido de Stanley Fish - em que é lido” (ARROJO, 1993, p. 19).

Para ter-se uma melhor compreensão do processo tradutório, então, é fundamental analisar os contextos de leitura dos tradutores e as circunstâncias que deram origem a cada tradução. Nessa esteira, apresentamos a seguir as edições aqui analisadas.

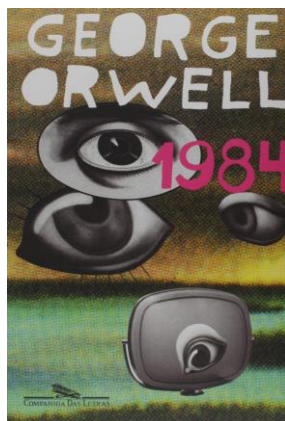


Imagem 1: Capa de “1984” (2009) <sup>2</sup>

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/1984-George-Orwell/dp/8535914846>>. Acesso em 10 de janeiro de 2022.

A edição de “1984” publicada pela editora Companhia das Letras, em 2009, contribuiu expressivamente para o sucesso do livro no Brasil. É uma das traduções mais conhecidas do romance, sendo citada como a edição brasileira na página em português da Wikipédia<sup>3</sup> e tendo mais de 17.000 classificações na Amazon brasileira<sup>4</sup>. Heloisa Jahn e Alexandre Hubner trabalharam em conjunto apenas nesse livro, porém, separadamente, ambos já tinham uma vasta experiência com tradução de obras de ficção.



Imagem 2: Capa de “1984” (2021) <sup>5</sup>

Por sua vez, a publicação de “1984” pela Via Leitura, selo do grupo editorial Edipro, foi traduzida por Alexandre Barbosa de Souza e faz parte do grupo de traduções lançadas após as obras de Orwell caírem em domínio público. O livro é vendido como uma edição de colecionador, sendo enfatizado que a tradução foi realizada com base na 1ª edição inglesa, lançada em 1949 pela Secker and Warburg.

É válido observar que as duas capas apresentam símbolos em comum que fazem referência a elementos da narrativa. O olho representa a vigilância constante do “Grande Irmão”, líder da Oceania. Esse símbolo aparece com maior destaque na primeira capa citada, com quatro imagens de olhos diferentes, um deles estando sobre um monitor que alude às telas, dispositivos que servem tanto como câmeras de vigilância quanto como televisores para exibir programas selecionados pelo governo. Na segunda capa, tal símbolo aparece por montagem, por meio do ponto preto no centro da lupa, e no recorte em formato de olho. A referência está explícita na frase colocada em um dos brindes da edição de colecionador: “O Grande Irmão está de olho em você”.

A tipografia e jogo de cores das edições também apresentam semelhanças. Ambas utilizam letras garrafais para enfatizar o nome do autor na capa, com uma fonte branca em negrito, possivelmente como uma forma de atrair os leitores, indicando que o escritor e sua fama seriam reconhecidos no Brasil. Os nomes dos tradutores não são mencionados nas capas e há imagens fragmentadas, soltas, que podem ser uma menção à ideia da tela, a qual exhibe recortes da realidade por meio dos quadros de vídeo (*frames*).

<sup>3</sup> “Wikipédia, a enciclopédia livre”. Wikimedia Foundation, Flórida. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/1984\\_\(livro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/1984_(livro))>. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

<sup>4</sup> AMAZON. (c2021). “1984 (Capa comum – 21 julho 2009)”. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/1984-George-Orwell/dp/8535914846/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2022.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/1984-Edição-com-Postais-Marcador/dp/6587034209/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2022.

Ainda vale ressaltar que, apesar do curto período entre o lançamento das edições, o contexto de leitura não é o mesmo e a maneira que a história se relaciona com a realidade também é outra, sobretudo se for considerado cenário político brasileiro em 2009 e em 2021, visto que muito mudou nesse período, principalmente com a ascensão do bolsonarismo e a pandemia global de COVID-19.

Dadas as distintas situações de produção, conclui-se que as versões escolhidas não foram idealizadas segundo um mesmo contexto de recepção. Por se tratar de uma edição de colecionador com brindes, a versão mais recente indica estar destinada a um público-alvo que já é familiar com a obra, enquanto a outra parece ser mais voltada a quem desconhece a história. A edição da Via Leitura também se diferencia ao destacar a tradução baseada na primeira edição do original, sugerindo uma versão supostamente mais próxima do texto escrito por Orwell.

Em relação à tradução, as edições passaram por processos de domesticação e estrangeirização. Conforme Venuti:

Ao admitir (com ressalvas como “tanto quanto possível”) que a tradução pode nunca estar completamente adequada ao texto estrangeiro, Schleiermacher permitiu que o tradutor escolhesse entre a domesticação, uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro para os valores culturais da língua-alvo, trazendo o autor de volta para casa, e a estrangeirização, uma força etnodesviante naqueles valores que assinalam a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro, enviando o leitor ao exterior. (VENUTI, 1995, p. 20, nossa tradução)<sup>6</sup>

Assim, a domesticação é uma adaptação da língua estrangeira e de seus aspectos – tanto gramaticais como socioculturais – para a realidade do leitor. Com ela, torna-se mais fácil para o público-alvo entender e se identificar com a história, pois evita-se o contato com o desconhecido. Na maioria dos casos, a tradução domesticada se distancia do texto de partida e tenta se aproximar da língua e da cultura de chegada, o que é motivo de crítica daqueles que julgam ser necessário preservar ao máximo as características do original.

No processo de estrangeirização, os tradutores possibilitam o encontro do público-alvo com o autor e sua bagagem cultural estrangeira presente no texto de partida. Nesse sentido, o texto estrangeirizado pode causar uma sensação de estranhamento ao leitor, por ele não estar familiarizado com determinada cultura ou mesmo com determinadas construções léxico-semânticas.

## **Análise comparativa**

Na edição da Companhia das Letras, os tradutores esclarecem que:

Ao conceber a estrutura gramatical da *Novafala*, Orwell exacerbou características sintáticas e morfológicas já presentes, em alguma medida, no idioma inglês. Portanto, na leitura deste apêndice deve-se ter em mente que as inovações gramaticais citadas, bem como seus exemplos, sempre tomam como base a língua inglesa, e não a portuguesa. (N.T.). (HUBNER; JAHN, 2009, p. 347)

No caso do *Newspeak*, a tentativa de domesticação é um desafio, porque a interferência da língua inglesa naquilo que eles denominam de “inovações gramaticais” é inevitável na tradução do livro. Logo, reconhece-se o esforço dos profissionais de fazer com que o *Newspeak*,

---

<sup>6</sup> Admitting (with qualifications like “as much as possible”) that translation can never be completely adequate to the foreign text, Schleiermacher allowed the translator to choose between a domesticating method, an ethnocentric reduction of the foreign text to target-language cultural values, bringing the author back home, and a foreignizing method, an ethnodeviant pressure on those values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text, sending the reader abroad.” (VENUTI, 1995, p. 20)

com sua estrutura e representações dos valores do *Ingsoc*, fosse inteligível no português brasileiro.

Iniciando a análise comparativa, observa-se a primeira diferença já nas traduções no título “The Principles of Newspeak”: “Os Princípios da Novilíngua”, na tradução de Souza, e “Os Princípios da Novafala”, por Hubner e Jahn. As escolhas evidenciam não apenas diferentes traduções, mas também interpretações distintas. Empregar o termo ‘Novilíngua’ altera o significado do original, porque ‘língua’ remete a algo mais abrangente e formal do que apenas ‘fala’, porém, isso não invalida a tradução, pois Orwell classifica o *Newspeak* como uma língua em seu texto e, além disso, deixa mais claro, para o leitor, que se trata de um neologismo. Por outro lado, o uso de ‘Novafala’ é praticamente uma tradução literal, ou seja, aproxima-se mais do neologismo criado pelo autor, o que é uma possível evidência da intenção de preservar o exposto na versão original.

Ao longo do texto, outras denominações da sociedade totalitária aparecem, como *Ingsoc*, sigla que foi preservada na edição de Souza, porém alterada por Hubner e Jahn para ‘Socing’; e *Oldspeak*, que se tornou ‘Língua Velha’ e ‘Velha Fala’, respectivamente. Além desses termos, Orwell também utiliza certas expressões que não são de origem inglesa, como *tour de force*, que foi mantida nas traduções selecionadas. Outro exemplo é “*staccato*” (ORWELL, 2005 [1949], p. 2), traduzido por Hubner e Jahn como “sons curtos” (HUBNER; JAHN, 2009, p. 349), enquanto Souza preferiu não traduzir esse termo, mas adicionou uma nota explicativa: “Tipo de articulação sonora que resulta em notas muito curtas” (SOUZA, 2021, p. 276).

Com exceção da tradução de *staccato* por Hubner e Jahn, que segue o processo de domesticação explicado anteriormente, as escolhas de manter as expressões do texto original resultam do processo de estrangeirização. No entanto, o contato com o estrangeiro sempre passa pela mediação dos tradutores. A nota explicativa para os leitores é um exemplo explícito dessa mediação, que demonstra não apenas a intenção de conservar o termo empregado pelo autor, mas também a necessidade de facilitar a compreensão do texto. Assim, Souza, por escolha própria ou preferência da editora, julgou que *staccato* não era um vocábulo tão conhecido quanto *tour de force*, o qual não foi traduzido nem explicado.

Para além de questões terminológicas, é válido analisar as escolhas de tradução nos trechos em que a gramática e a morfologia do *Newspeak* são explicadas. Em “The Principles of Newspeak”, Orwell divide o vocabulário do idioma em três categorias: *The A vocabulary*, composto por palavras básicas usadas no dia a dia; *The B vocabulary*, constituído por vocábulos intencionalmente criados para fins políticos; e, por fim, *The C vocabulary*, que contém palavras complementares às outras categorias, como termos técnicos e científicos, pouco explorados em “1984”.

As traduções do trecho a seguir apresentam algumas regras gramaticais sobre a formação do *The A vocabulary*:

“The word *thought*, for example, did not exist in Newspeak. Its place was taken by *think*, which did duty for both noun and verb. [...] Adjectives were formed by adding the suffix *-ful* to the noun-verb, and adverbs by adding *-wise*. Thus for example, *speedful* meant ‘rapid’ and *speedwise* meant ‘quickly’.” (ORWELL, 2005 [1949], p. 2)

“A palavra *pensamento*, por exemplo, não existia em Novafala. Seu lugar foi ocupado por *pensar*, que fazia as vezes de verbo e substantivo. [...] Os adjetivos eram formados com o acréscimo do sufixo *-oso* ao substantivo-verbo, e os advérbios acrescidos de *-mente*. Assim, por exemplo, *velocidadoso* significava “rápido” e *velocidademente* significava “depressa”.” (HUBNER; JAHN, 2009, p. 350)

“A palavra PENSAMENTO, por exemplo, não existe na novilíngua. Seu lugar foi ocupado por PENSAR, que vale tanto como substantivo quanto como verbo. [...] Os adjetivos foram formados pelo acréscimo do sufixo -COM aos substantivos-verbos, e os advérbios, pelo acréscimo de -BEM.

Assim, por exemplo, VELOCOM significaria “rápido” e VELOBEM significaria “rapidamente”.<sup>7</sup> (SOUZA, 2021, p. 277)<sup>7</sup>

Nessas passagens, é interessante perceber o processo de domesticação, que ocorre de maneira distinta em cada tradução. Hubner e Jahn utilizaram sufixos que fazem parte da formação de adjetivos e advérbios na língua portuguesa (‘-oso’ e ‘-mente’), criando palavras para a *Novafala* mas, ao mesmo tempo, empregando afixos usados por falantes do português brasileiro. Souza, por sua vez, fez uso de palavras (‘-bem’ e ‘-com’) que podem remeter à ideia de adjetivos e advérbios quando empregadas como sufixos. Seguindo o exemplo mencionado, se adaptarmos as palavras da *Novilíngua* para o português, teríamos “com velocidade” e “bem veloz”.

Outro aspecto notável é que, na tradução de Souza, há conjugações verbais no presente e no futuro do pretérito que não aparecem nas outras versões, as quais foram escritas no tempo passado, com um escritor afastado daquela realidade. Ao afirmar que a língua existe, o tradutor acrescenta um sentido a mais ao texto, por aproximar o escritor desse universo fictício. Isso possibilita a interpretação de que haveria a presença de um narrador personagem, como se o autor do apêndice vivesse naquele mundo e fosse um estudioso do *Newspeak*.

Os excertos a seguir mostram as opções dos tradutores quanto à formação de plural e dos graus dos adjetivos:

“All plurals were made by adding *-s* or *-es* as the case might be. The plurals of *man, ox, life*, were *mans, oxes, lifes*. Comparison of adjectives was invariably made by adding *-er, -est* (*good, gooder, goodest*), irregular forms and the *more, most* formation being suppressed.” (ORWELL, 2005 [1949], p. 3)

“Todos os plurais eram formados com o acréscimo de *-s* ou, conforme o caso, *-es*. A comparação entre adjetivos era sempre feita por meio da adição de um sufixo.” (HUBNER; JAHN, 2009, p. 351)

“Todos os plurais seriam formados pelo acréscimo do S apenas. Os plurais de QUALQUER, CÔNSUL, ÁLCOOL seriam QUALQUERS, CÔNSULS, ÁLCOOLS. Os graus dos adjetivos seriam invariavelmente formados pelo acréscimo de MAIS, DUPLIMAS (BOM, MAISBOM, DUPLIMASBOM), sendo suprimidas as formas irregulares MELHOR e ÓTIMO.” (SOUZA, 2021, p. 278)

Nos casos acima, ainda do *The A vocabulary*, Hubner e Jahn preferiram não traduzir trechos do original que exemplificam as regras de formação dos plurais, omitindo *man, ox* e *life* (homem, boi e vida), cujos plurais seriam, no inglês, *men, oxen* e *lives* – três palavras com três tipos de formação plural irregular. Souza, ao contrário, adaptou os exemplos e a regra, trazendo palavras não mencionadas no original, mas que cumprem a função de demonstrar a morfologia da *Novilíngua* ao terem uma formação plural regular, divergindo de ‘quaisquer’, ‘cônsules’ e ‘álcoois’ do português.

O profissional também identificou uma possibilidade de adaptação dos sufixos que segue uma regra anteriormente apresentada por Orwell, em que *plus-* e *doubleplus-* seriam afixos usados para enfatizar o sentido de qualquer palavra. Ele traduz esses afixos para ‘mais-’ e ‘duplimais-’, e os coloca na regra para a formação dos graus dos adjetivos.

---

<sup>7</sup> Todos os exemplos da edição mais recente são escritos com letras maiúsculas, o que difere do itálico e proporciona um outro tipo de leitura, especialmente hoje em que caixa alta, na internet, simula gritos, conforme apontam Moreira e Sousa (2015). Nessa perspectiva, os autores remetem a uma citação de Lévy: “É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. Da mesma forma, não podemos separar o mundo material – e menos ainda sua parte artificial – das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam” (LÉVY, 1999, p. 22 apud MOREIRA; SOUSA, 2015, p. 1).

A remoção de trechos que exemplificam regras propostas na obra original ocorre em outras passagens da tradução de Hubner e Jahn, reiterando o desafio da tradução e uma possível maneira de evitar a formação de palavras que seriam estranhas demais para os leitores, ou que fugissem de um dos princípios da língua fictícia: simplificar a pronúncia e a estrutura das palavras. Essas supressões também corroboram a problemática abordada por Siscar em que, conforme citado anteriormente, desvios na tradução podem acontecer pela ligação vulnerável entre o sentido original e o corpo textual. Hubner e Jahn preferiram preservar as regras gramaticais do *Newspeak* em detrimento da integridade material do texto. Eles evitam interferir no texto por meio do acréscimo de algo que fuja do original, e a escolha de não traduzir pode ser vista como uma forma de os tradutores não se comprometerem. Essa escolha pode ter sido imposta por regras da editora ou influenciada por outros fatores externos, mas, de qualquer maneira, é fato que a omissão de trechos do apêndice dificulta o entendimento do leitor, o qual não tem os exemplos para materializar as construções gramaticais propostas (ao contrário do que ocorre no original e na tradução de Souza).

Em relação ao *The B vocabulary*:

“To take a single example: the word *goodthink*, meaning, very roughly, 'orthodoxy', or, if one chose to regard it as a verb, 'to think in an orthodox manner'. This inflected as follows: noun-verb, *goodthink*; past tense and past participle, *goodthinked*; present participle, *good-thinking*; adjective, *goodthinkful*; adverb, *goodthinkwise*; verbal noun, *goodthinker*.” (ORWELL, 2005 [1949], p. 4)

“Para dar um exemplo: a palavra *bompensar*, que muito grosseiramente poderia ser traduzida por ‘ortodoxia’, ou, na função de verbo: ‘pensar de maneira ortodoxa’. O vocábulo era flexionado da seguinte maneira: substantivo-verbo, *benepensar*; participio, *benepensado*; gerúndio, *benepensando*; adjetivo, *benepensivo*; advérbio, *benepensadamente*; substantivo deverbal, *benepensador*.” (HUBNER; JAHN, 2009, p. 352)

“Para darmos um único exemplo: a palavra BENIPENSAR, que significava, grosso modo, ‘ortodoxia’, ou, se quisermos considerá-la como verbo, ‘pensar de maneira ortodoxa’. A flexão era a seguinte: substantivo-verbo, BENIPENSAR; passado e participio passado, BENIPENSADO; participio presente, BENIPENSANTE; adjetivo, BENIPENSIM; advérbio BENIPENSABEM; substantivo verbal, BENIPENSADOR.” (SOUZA, 2021, p. 279)

O processo de domesticação pode ser observado nos trechos acima, em especial na aparente substituição de Hubner e Jahn da distinção entre participio presente e passado pela adição da flexão do gerúndio “benepensando”. Hubner e Jahn escolheram duas formas, ‘bom-’ e ‘bene-’, como tradução de ‘good-’, o que diverge do original e pode causar um estranhamento ao leitor, já que deveria ser mantido a mesma forma, tal como está presente no texto traduzido por Souza, o qual optou traduzir ‘good-’ por ‘beni-’.

As diferenças mais significativas entre as edições aparecem justamente nas formas de adjetivo e advérbio. Para o adjetivo, enquanto Hubner e Jahn usam “*benepensivo*”, Souza usa “BENIPENSIM”, já para formação do advérbio há, respectivamente, “*benepensadamente*” e “BENIPENSABEM”. Desse modo, os tradutores da versão de 2009 empregaram sufixos do português, já o tradutor da edição de 2021 trouxe inovações com uso de palavras que podem remeter à ideia de adjetivos e advérbios quando empregadas como sufixos, seguindo a regra da formação dessas classes gramaticais mencionada anteriormente.

Na parte dedicada ao *The C vocabulary*, Orwell não apresenta nenhum exemplo específico de palavras dessa categoria. Ao final do apêndice, tem-se a passagem abaixo, que se refere a uma possibilidade de tradução da Declaração de Independência dos Estados Unidos para o *Newspeak*:

“The nearest one could come to doing so would be to swallow the whole passage up in the single word *crimethink*.” (ORWELL, 2005 [1949], p. 9)

“O mais próximo disso que alguém conseguiria chegar seria absorver a passagem inteira numa única palavra: *pensamento-crime*.” (HUBNER; JAHN, 2009, p. 361)

“O mais próximo que se poderia fazer seria abarcar o trecho inteiro em uma única palavra: CRIMEPENSAR.” (SOUZA, 2021, p. 286)

Aqui, destaca-se a contradição presente na tradução de Hubner e Jahn, os quais colocaram ‘pensamento-crime’ como uma palavra da *Novafala*, apesar de anteriormente ser dito que a palavra ‘pensamento’ não existia em *Novafala*, como apontado nos primeiros excertos analisados aqui. A tradução contradiz a regra dos substantivos-verbos, em que a forma verbal utilizada tradicionalmente na *Oldspeak* poderia significar tanto um verbo quanto um substantivo, a depender do contexto. Nesse sentido, a tradução gerou uma discrepância intratextual, além de trazer uma estratégia não apresentada no original com o uso do hífen.

## Conclusão

As análises permitem concluir que ambas as traduções do apêndice do livro “1984”, intitulado “The Principles of Newspeak”, tiveram que conciliar movimentos de domesticação e estrangeirização, sendo necessário recorrer a diferentes estratégias no processo tradutório, de acordo com as leituras e interpretações dos profissionais. Na edição de 2009, houve algumas omissões de excertos do texto, e essa escolha de não traduzir pode afetar a compreensão do leitor.

A tradução de 2021, de Alexandre Barbosa de Souza, é a que mais traz inovações em relação ao texto de partida, apesar de ser enfatizado que a edição foi feita com base na primeira versão de Orwell, publicada em 1949. Na tradução que popularizou a obra no Brasil, feita por Alexandre Hubner e Heloisa Jahn, priorizou-se a domesticação e a preservação das regras gramaticais do *Newspeak* criadas por Orwell, mas certos trechos, tais como os que exemplificam o vocabulário do *Newspeak*, foram excluídos.

O estudo também mostrou que os projetos editoriais são diferentes, dados os distintos contextos de produção. Embora não seja possível afirmar quais foram as concepções dos tradutores e seus objetivos durante o processo tradutório, comprova-se que todas as decisões tomadas nesse processo derivam de uma leitura e da maneira que os profissionais julgaram ser a mais adequada para transmitir ao público-alvo a sua compreensão do *Newspeak* no português brasileiro. Portanto, há diferentes soluções para traduzir o texto em português que trazem inovações, atendendo ao objetivo do *Newspeak* no cenário exposto em “1984”.

---

## Referências

- 1984 (LIVRO). (2022). In: “Wikipédia, a enciclopédia livre”. Wikimedia Foundation, Flórida. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/1984\\_\(livro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/1984_(livro))>. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.
- AMAZON. (c2021). “1984 (Capa comum – 21 julho 2009)”. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/1984-George-Orwell/dp/8535914846/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2022.
- AMAZON. (c2021). “1984: Edição com Postais + Marcador (Capa comum – Edição especial, 30 janeiro 2021)”. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/1984-Edi%C3%A7%C3%A3o-com-Postais-Marcador/dp/6587034209/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2022.
- ANTUNES, M. A. G. (2021). “Por que retraduzir? Um estudo do caso de 1984 de George Orwell”. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 46, n. 87. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/16524>>. Acesso em 03 de janeiro de 2022.
- ARROJO, R. (1993). “Tradução, desconstrução e psicanálise”. Imago Ed., Rio de Janeiro.
- GRUPO COMPANHIA DAS LETRAS. (c2021). “ALEXANDRE HUBNER”. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=01815>>. Acesso em 24 de junho de 2021.
- GRUPO COMPANHIA DAS LETRAS. (c2021). “HELOISA JAHN”. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00583>>. Acesso em 24 de junho de 2021.



- LOURENÇO, B. (2020). “Big Brother: como o conceito de George Orwell aparece na cultura pop”. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2020/01/big-brother-como-o-conceito-de-george-orwell-aparece-na-cultura-pop.html>>. Acesso em 6 de janeiro de 2022.
- MOREIRA, R. V.; SOUSA, L. D. (2015). “O Texto na Era Digital: O Internetês”. XII EVIDOSOL e IX CILTEC – Online. Disponível em: <<http://evidosol.textolivre.org/papers/2015/upload/39.pdf>>. Acesso em 14 de fevereiro de 2022.
- ORWELL, G. “Os Princípios da Novafala”. In: ORWELL, G. (2009 [1949]). “1984”. Tradução de Heloisa Jahn e Alexandre Hubner. Companhia das Letras, São Paulo.
- ORWELL, G. “Os Princípios da Novilingua”. In: ORWELL, G. (2021 [1949]). “1984”. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza. Via Leitura, São Paulo.
- ORWELL, G. (2005 [1949]). “The Principles of Newspeak”. Formatação por Doug Bigham, para LIN 312. Disponível em: <[https://kickapooclark.weebly.com/uploads/5/0/8/5/5085586/the\\_principles\\_of\\_newspeak\\_orwell.pdf](https://kickapooclark.weebly.com/uploads/5/0/8/5/5085586/the_principles_of_newspeak_orwell.pdf)>. Acesso em 22 de junho de 2021.
- SCHLEIERMACHER, F. (2007 [1838]). “Sobre os diferentes métodos de traduzir”. Tradução de Celso Braidão. Princípios, Natal, v. 14, n. 21, p. 233-265.
- SISCAR, M. (2001). “A Dificuldade de Origem”. Editora da UFPR, Curitiba, Revista Letras, n. 56, p. 85-93.
- VENUTI, L. (1995). “The translator’s invisibility: a history of translation”. Routledge, London/New York.